

EDITORIAL

## Outros Outubros Virão

**Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
ricardo.goncalves@ueg.br

## EDITORIAL

### OUTROS OUTUBROS VIRÃO

É praticamente consensual a ideia de que há um modo brasileiro de se fazer geografia. Autoras e autores que investigam a produção do pensamento geográfico, as teorias, os métodos e as epistemologias geográficas são eloquentes ao defenderem que a Geografia feita no Brasil é uma das mais alvissareiras do mundo. Em consenso dizem que há, de fato, esta identidade: a Geografia brasileira.

Muitos dessas autoras e autores, alicerçados por teses, dissertações, pesquisas, grupos de estudos, colóquios e revistas; ou sustentados em múltiplos diálogos de saberes com outras regiões e países, defendem um conjunto de características arvoradas nos últimos quarenta anos da produção geográfica brasileira.

Dizem eles que a Geografia brasileira se caracteriza por um profundo engajamento. O diálogo com os movimentos sociais; o comprometimento político em defesa de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses; assim como o ativismo ambiental estão no centro do pensar e do fazer geográficos no Brasil.

A Geografia brasileira também amadurece o entendimento de suas categorias, avança em temas como a mobilidade e o planejamento urbanos, implicações ambientais de grandes projetos extrativistas, políticas públicas, questão agrária, cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência, interpretações literogeográficas de obras literárias em prosa ou versos.

Ademais, a produção neste campo de saber em nível de Pós-Graduação se expandiu no país com novos programas de mestrado e de doutorado em todas as regiões. Esse fato alargou e tornou possível a realização de pesquisas que avultam a interpretação do Brasil profundo, por exemplo, dos territórios da Amazônia e do Cerrado, fronteiras da pilhagem de bens comuns naturais e da expropriação compulsória de comunidades locais.

O pulo da Geografia do eixo Rio-São Paulo para as demais regiões em nível de Pós-Graduação intensificou a multiplicidade de pesquisas, a formação de geógrafos, a diversidade de teorias e abordagens metodológicas. O Brasil tornou-se palmilhado pelo olhar de novos geógrafos e geógrafas.

Sendo assim, observa-se que a diversidade ocorre também por uma espécie de divisão regional do trabalho geográfico. As Geografias produzidas em diferentes regiões se situam a partir de seus temas, territórios, sujeitos e classes sociais.

Lógico que como qualquer outra atividade humana, a Geografia brasileira possui contradições. De seu bojo surgem conflitos ideológicos, metodológicos, políticos ou de outras matizes. Todavia, o certo é que como o objetivo da Revista da ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, é retratar a diversidade, a pluralidade, as contradições, os conflitos e todas as características da Geografia brasileira atualmente, espera-se que as páginas deste número e dos demais sejam abertas com alegria, coragem e engajamento.

Diante disso, queremos propor uma linha editorial que respeite as diferentes posições teóricas, políticas e ideológicas. Contudo, sobre a assertiva desta característica primaz dos últimos quarenta anos: o engajamento.

Desta feita, esboçam-se os critérios de avaliação dos textos a partir do acolhimento e da aceitação dos tra-

---

balhos feitos na pós-graduação em Geografia no Brasil; das pesquisas realizadas em distintos países e que fazem desta ciência um campo plural e comprometido com a emancipação dos esfarrapados do mundo, a quem Paulo Freire dedicou seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

A posição política na Revista da ANPEGE (2022-2023) não se renderá aos critérios supostamente meritocráticos e metrificados que empenham o rubor de uma visada neoliberal no controle da produção científica nacional e mundial. Defende-se, ao contrário, o conhecimento aberto, livre e plural; assim como as possibilidades de ser um espaço pautado na bibliodiversidade, guardião da diversidade da produção acadêmica nacional e internacional, da multiplicidade de temas, abordagens metodológicas e saberes em distintas escalas, cores, sabores e línguas.

Destacamos também que o formalismo cunhado pela produção de texto sob o controle do Estado e suas agências liberais não será um critério de relevância. Isso não quer dizer que não nos valeremos de referências científicas rigorosas, assim como éticas, políticas e ideológicas.

Solicita-se a coerência e a coesão textuais. Defendem-se os critérios de autonomia e de responsabilidade com o pensar geográfico, postula-se a abertura à criatividade e à ação de combate a todos os modelos opressivos. Elementos esses que também se evocam nas textualidades. Sendo assim, a assumência da postura crítica é o signo que pede passagem nos textos publicados na Revista da ANPEGE.

Por fim, a atual direção da ANPEGE - em parceria com membros do Conselho Consultivo, editores, pesquisadores e coordenadores de Pós-Graduação de todo o Brasil - está segura de que a Geografia brasileira não pode se anestesiar diante da atual conjuntura econômica e política.

Pesquisadores críticos, ativistas ambientais e de movimentos sociais e sindicais, defensores dos direitos da natureza, da emancipação territorial, dos povos do campo, das águas e das florestas estão ameaçados e tombados nos arrabaldes do país.

Diante disso, a Geografia que fazemos e sonhamos será parte do triunfo da mudança, do semear e florescer de um país onde defensores da Amazônia e dos povos indígenas, como Bruno Pereira (Presente!) e Dom Phillips (Presente!), não sejam brutalmente assassinados. Pelo contrário, serão parte do encontro inexorável com a justiça.

Estamos certos de que os versos escritos por Milton Nascimento e Fernando Brant, da letra de música O que foi de vera, poderão ser cantados por todas e todos: “Outros outubros virão / Outras manhãs, plenas de sol e de luz”.

**Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**  
**Editor da Revista da ANPEGE (2022-2023)**  
**Goiânia (GO), 18 de junho de 2022**